

Um porto em Torres?

A semana inflamou-se com o debate sobre a construção de um porto em Torres. Isso por conta da apresentação à comunidade do Projeto, amplamente amparado por políticos locais e regionais. Outras iniciativas, registra o diligente pesquisador Bento Barcelos, já foram feitas no passado. Todas abandonadas. Na imagem apresentada nesta semana por técnicos responsáveis pelo Projeto, o mapa evidencia que o lugar mais favorável para construção seria em Arroio do Sal, aqui ao lado, mas poderá ainda optar por Torres. Aparentemente, a Prefeitura local estaria interessada nesta alternativa. A resistência, porém, dos próprios torrenses revelou-se intransigente. Todos estão alarmados com a possibilidade de ver sua bela cidade atropelada por um porto que poderá soterrar o sonho da Mais Bela Praia do Rio Grande do Sul. Mostram fotos e vídeos mostrando o que acontece com outros portos no mundo. Um navio, quando chega ao porto, depois de semanas no mar, passa, primeiro, pela sua higienização, causando danos inimagináveis ao meio ambiente. De resto, a existência mesma do Porto acaba remodelando a arquitetura da cidade com seus complexo de armazéns, logística de acesso de milhares de caminhões até os terminais e proliferação de serviços de apoio.

Os argumentos a favor do Porto são de ordem econômica: O porto seria uma abertura para o escoamento da produção de grãos do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina, gerando oportunidades de emprego e renda para um grande número de pessoas. Neste caso, o porto é uma solução regional, não local. Alegam, também, os defensores do Porto que ele representa um salto para o progresso de Torres.

Ora, aqui vale a pena indagar o que significa progresso no século XXI?

Vivemos a era da quarta revolução industrial, no rumo da sociedade do conhecimento. A última era, marcada pela revolução eletrônica e pela robótica já está em crise e nasce a era da interconectividade global das redes, nas quais a informação é elemento central. Uma das mais rentáveis profissões desta era será a de gestor de Big Datas e de Robôs e uma das mais interessantes será a de Tutor de Curiosidades. "Tudo o que é sólido desmancha no ar..." Nesta era, as cidades ganham novos perfis abrindo-se cada vez mais para a inteligência e articulação em escala global, comprometendo-se a manter uma alta qualidade de vida aos seus protagonistas. A cultura, em sentido amplo, como fundamento, tanto do turismo, como dos serviços urbanos auxiliares no campo da educação e da saúde, é um vetor cada vez mais importante neste processo. Ora, pensar em Porto, nesta era, os quais sempre serão, malgrado tudo, necessários e ativos, é um retrocesso às Grandes Navegações. Precisamos, sim, pensar o destino de Torres à luz de suas tradições, marcadas pelo dedo de Deus, que a fez dotada de beleza ímpar no costão sulino, vinculadas à compatibilização da História com seu destino. Paradoxalmente, na mesma semana em que Torres se mobilizou para discutir o Porto, aqui ao lado, em Passo de Torres, cujo crescimento ultrapassa expectativas, inaugurou um Polo de Educação à Distância – EaD -da Universidade Estácio de Sá, com sede no Rio de Janeiro, com uma oferta de uma centena de cursos voltados às profissões do futuro. Vai enterrar a ULBRA...

Volto ao tema sobre o qual me tenho dedicado profissionalmente: Para onde Torres deve ir ao longo deste século?

Minha proposta é a mesma dos velhos líderes gaúchos do início do século XX e que redefiniram não só o Rio Grande no mapa do Brasil, como, pela sua intervenção em 1930, como o próprio mapa da nação, transformando o velho fazendão senhorial, numa das sociedades mais complexas e sofisticadas do mundo: "Renovar conservando".

A vocação natural de Torres é o turismo e seu destino o desenvolvimento cultural como desdobramento do turismo. Está tudo à mão. Isso não quer dizer que não possamos aproveitar nossa especial localização, à margem da BR-101, na embocadura do Mampituda, para traçar um Plano Torres – 100 mil habitantes, número considerado ótimo para uma cidade moderna. Podemos montar na nossa cidade, por exemplo, um Polo de Cinema – uma espécie de "Cinecité" - capaz de trazer para cá grandes produções de áudio-visual, celebridades e eventos internacionais. Conectado com isso podemos instituir, junto à ULBRA um Programa de Formação em Culinária, com eventual selo do "Cordon Bleu", com feis Brasília tempos atrás, mudando estruturalmente o perfil de nossos sofríveis restaurantes que poderiam contribuir para um Festival Gourmé Internacional. A recente realização do II FAROL LITERÁRIO demonstrou, também, a possibilidade concreta de consolidarmos, aqui, um centro literário latinoamericano, tal como, aliás, Parati, no Rio, tem feito. Ou seja, tudo consoante às tradições, que já fazem de Torres uma das melhores cidades para se viver no Brasil, com um IDH similar ao da Europa Ocidental, sem bolsões de miséria e livre de áreas controladas pelo narco-tráfico, mas com olhos voltados a um novo destino de progresso sustentável para a cidade.